

Amor, culpa e repetição em busca de reparação: um estudo de caso sob a ótica da teoria kleiniana

Maria Christina Kuhn¹

Resumo: O presente artigo traz material clínico, composto pelo relato de duas sessões e um sonho, por meio do qual são levantadas hipóteses sobre as questões que desencadeiam as dificuldades que a paciente apresenta na sua vida adulta. Esse material é abordado à luz dos pressupostos da teoria kleiniana das primeiras relações de objeto, fantasias, ansiedades e defesas. Assim, considera-se que as dificuldades apresentadas pela paciente estão diretamente relacionadas às difíceis relações de objeto de suas primeiras experiências de vida, as quais, supõe-se, acarretaram prejuízos em um estágio posterior à capacidade de reparação dos ataques sádicos primitivos.

Palavras-chave: Inveja. Melanie Klein. Relação de objeto. Reparação. Voracidade.

Introdução

“No arcabouço kleiniano, falando de modo estrito, é a criança no paciente, inclusive ao bebê no paciente criança, que a análise se divide” (Hinshelwood, p. 279).

A experiência mais arcaica do ser humano é o medo da aniquilação, sendo essa a maneira pela qual a pulsão de morte é experienciada.

¹ Psicóloga. Formação em Psicoterapia Psicanalítica. Membro Pleno e Diretora Clínica do IWBion. Docente do Instituto W. Bion e do Gaepsi – Associação de Psicoterapia Psicanalítica.

As ideias de Klein trazem a noção inata de um objeto. O bebê, ao nascer, tem a expectativa de encontro com algo, um objeto/seio. Desse encontro, surgirão formas de fantasiar os instintos primitivos e a ansiedade que deles derivam.

O substrato da vida mental começa pela relação com o outro, a começar pela mãe/seio, amada e odiada. A relação mãe-bebê está no centro do desenvolvimento. As primeiras experiências servirão de base para todas as relações futuras.

Apresentação do material

Paciente Alice

Uma sessão:

“... o sentimento de medo é tanto que fico com raiva de sentir esse medo, fico com raiva de quem gerou esse medo e logo em seguida me sinto culpada por esse sentimento. Eu quero que esse sentimento passe, que ele pare, quero matar quem me gerou esse sentimento! Só para ver se ele vai embora! É tão difícil viver assim, com medo de tudo e de todos! Eu queria tanto olhar para as outras pessoas e não enxergar nelas monstros geradores de medo! Passo minha vida com medo! Com raiva e com culpa desse sentimento. Eu só queria que tudo isso parasse, para que eu pudesse simplesmente enxergar as pessoas como simples pessoas que são, com seus medos e angústias assim como eu! Mas vejo nos outros seres poderosos, capazes e sem medo, apesar de ter consciência de que não é assim. Acho que nunca vou me livrar desse medo... Minha esperança é um dia aprender a lidar com ele...”.

Paciente Alice

Um sonho:

“... Era como se eu tivesse meu negócio, não sei se era uma loja ou um café, eu tinha atendido umas pessoas que tinham ido embora, e, não sei por quê, precisava trocar de blusa. Mas não podia ou não queria fechar a porta, que era gigante, como se fosse um portão (acho que de tela). Nesse lugar tinham várias lojinhas, era como se fossem só lojas ali. Então pensei: ‘vou virar de costas para o vizinho da frente e troco de blusa ali atrás, e ninguém vai ver nada’. Quando eu ia trocar a blusa, me dei conta de que estava sem sutiã e resolvi buscá-lo na peça do lado, coloquei a blusa na frente e fui lá pegar. Então me deparei com uma cliente (não sei se eu sabia que estava ali ou não), era uma senhora que estava sentada ali e mexendo nas minhas coisas, pois era como se eu morasse ali também, e ela estava espiando para dentro da fresta do armário, querendo saber o que era isso ou aquilo. Me lembro de ter visto várias coisas dentro do

armário, mas não encontrava o que queria, não sabia onde estava. Não estava onde deveria, e eu comecei a pensar que a senhora havia pegado. Ela queria algo, e eu disse que não iria dar, e ela começou a tentar puxar minha blusa. Então começamos com uma guerra, e, quando vi, ela estava no portão e seguia meio que gritando comigo, e eu com ela. Eu queria trancar ela do lado de fora, mas não conseguia, pois estava ali com uma mão segurando minha blusa e com a outra, tentando fechar esse portão pesado, e não conseguia engatar as trancas. De repente, o dono da loja da frente, que eu conhecia, veio ver o que estava acontecendo, e acho que me ajudou a trancar o portão. Por fim, a senhora acabou indo embora e, quando entrei, o sutiá estava lá no lugar onde eu havia deixado, e não sei por que eu não havia visto.”

Alguns aspectos teóricos

O entendimento do mundo materno infantil, por M. Klein, contribui para a compreensão da personalidade adulta com seus núcleos infantis. A estrutura arcaica das emoções infantis, datadas de um período pré-cerebral, persiste ao longo de nossa existência, interferindo diretamente na nossa vida.

A experiência tem me ensinado que a complexidade da personalidade plenamente desenvolvida só pode ser entendida se obtivermos insight sobre a mente do bebê e acompanharmos o seu desenvolvimento na vida subsequente. Isso equivale a dizer que a análise percorre o caminho que vai da vida adulta à infância e, através de estágios intermediários, retorna a vida adulta, num movimento recorrente para frente e para trás, de acordo com a situação transferencial predominante. (Klein, 1957/1975b, p. 209)

M. Klein amplia a noção de inconsciente ao manifestar que este é provocado por fantasias que são as representantes mentais das pulsões e que são distorcidas de forma fantástica dos objetos reais. Elas existem através de sensações. O bebê é incapaz de se livrar sozinho desses estados, ficando completamente dependente de um adulto. Essas sensações parecem estar ligadas à fome ou a desconforto ou, ainda, não possuem uma causa aparente. Podem provir de sensações difusas e profundas, ligadas à insatisfação de suas necessidades. Ora o bem-estar parece invadi-lo, ora o mal-estar toma conta de maneira insuportável, afetando sua integridade.

Vida e morte, bom e mau, amor e ódio, ataque e reparação dominam a vida desde o início. O bebê kleiniano é confrontado pela experiência interna dos impulsos de vida e de morte, com as exigências instintivas satisfeitas ou não, com o prazer proporcionado pela satisfação e com o desprazer e agressividade

decorrente da frustração. O mundo interno é habilitado por objetos envolvidos numa dinâmica destrutiva, invejosa e funcional. No início, não há separação do que ele pensa e do que ele sente.

O ego arcaico se altera entre estados de integração e desintegração. A luta inicial é para manter sua própria integridade diante do medo de ser aniquilado por objetos maus ameaçadores. O bebê necessita de um objeto que possa conter as suas experiências. Klein (1946/1975a) defende que “O primeiro objeto interno bom age como um ponto focal no ego. Ele neutraliza o processo de cisão e de dispersão, contribui para a coesão e a integração e é instrumental na construção do ego” (p. 25).

A autora descreve características que o ego assume em relação aos seus objetos através de duas posições. Essas posições implicam angústias, fantasias, mecanismos de defesa e nível de estruturação do ego muito particulares que se organizam e se alteram ao longo da vida como forma de dar sentido às experiências vividas.

Na posição esquizoparanoide, o ego tenta se defender da ansiedade de aniquilamento, sentida como ameaça à sua sobrevivência.

Na posição depressiva, a percepção do meio externo se modifica, prazer e desprazer são percebidos como vindos do meio do objeto, mãe. A ansiedade sentida é sentida em relação ao temor que causou ao objeto.

A ansiedade depressiva é o elemento fundamental para estabelecer relacionamentos maduros, fonte de sentimentos generosos e altruístas.

O trabalho da posição depressiva é o trabalho de luto. O bebê teme que a mãe tenha sido morta ou destruída, que seu ódio tenha danificado a mãe real amada. A possibilidade de reparar gera um sentimento de esperança, leva à crença de que alguma bondade vive no mundo interior.

Considerações finais

Início minhas considerações finais com uma das últimas sessões de Alice:

“... Será que a realidade que eu não aceito é o sentimento de não ter sido amada desde a concepção? O sentimento de ter que dividir a atenção desde o nascimento ou antes até?”

“... Me questiono porque eu sempre penso que esse sentimento se conforma com gritos que ouvi, com os puxões de cabelo e por ter sido chamada de bruxa pela minha mãe, por exemplo...”

“... Ao invés de se dissipar com todos os aniversários bem preparados, com os periquitos que tive, que incomodavam de certa forma a minha mãe e o meu pai, pois cantavam cedo pela manhã. Mas mesmo assim ficaram lá por anos a

fio, com a cachorra que me compraram mesmo que eles não quisessem, com a atenção da minha mãe me levando e me buscando nas aulas de ginástica e das de flauta e tantas outras coisas que demonstram que eu sempre recebi atenção, carinho e amor...”

“... Ter estudado numa ótima escola, ter todos os cuidados médicos necessários, ter o meu próprio quarto, ter respeito pelas minhas coisas e pelo meu espaço...”

“... Porque eu não me foquei nessas coisas da minha infância e juventude, como demonstrações de amor e afeto?”

“... Porque sempre fiquei focada em querer que as coisas fossem como eu criei na minha cabeça e não eram?”

“... Porque passei e passo a vida focando no copo meio-vazio, quando eu sempre imaginei que eu focava o lado cheio do copo?”

“... Passei a vida acreditando que a culpa de sentir que não era amada era dos meus pais, quando na verdade a responsabilidade por isso sempre foi minha, por não aceitar ser a segunda filha, por não aceitar ter que dividir tudo, e ainda achar que a divisão sempre me desfavorecia...”

“... Ou será que sempre acreditei que a culpa era minha, por acreditar que eu era uma pessoa má e, portanto, não merecia a atenção que queria?”

“... E por que alguém tem que ser o culpado? Se simplesmente a vida é assim. Por que eu não consigo simplesmente aceitar a realidade de que a vida não é como eu queria?”

“... Temos sempre o cheiro bom da rosa e ruim do lixo, não dá para ter só o cheiro bom da rosa, até porque ela morre e também vira lixo...”

“... Ah, mundo mágico que encanta e amaldiçoa a vida ao mesmo tempo.”

Lembrei do que disse o Chapeleiro Maluco para Alice no País das Maravilhas: “o segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. É então, só então, que estarás no país das maravilhas” (Burton & Bobin, 2016).

“Pessoas que te façam sorrir o coração” pode ser uma analogia a bons objetos internalizados, objetos inteiros, reparados. O amor mitigando o ódio.

As considerações finais são apenas conjecturas para se pensar, sob uma perspectiva kleiniana, a riqueza do material trazido por Alice nas sessões. Uma trama de aspectos que se cruzam para contar sua história.

Será que a história que lhe foi contada – de que não fora um bebê desejado e planejado – de alguma maneira se ligou às primeiras vivências de frustrações? Será que ela foi atendida nas suas necessidades a ponto de dar conta da sua voracidade ou sua voracidade foi incrementada pela falta?

A mãe é descrita como uma pessoa “poderosa” – poder da verdade, da justiça e também poder financeiro. Este último nunca alcançado por Alice que, apesar

de ser uma profissional com várias competências, fica na dependência do outro para se sustentar. Tem desejo de exaurir esse seio, mas não consegue, ele se torna um perseguidor, causa-lhe muito medo. Tudo à sua volta é perigoso, ativando angústias provenientes de fontes arcaicas.

O superego é severo, está primordialmente ligado ao âmago materno. A mãe/seio é deformada pela fantasia de um perseguidor terrificante. Com o movimento de integração do ego, que coincide com a integração do seio bom/seio mau, surge a culpa e a necessidade de reparação do objeto amado que foi atacado e danificado. Alice se vê entre o ódio e a culpa. Odeia quem causou esse sentimento, a ponto de querer matá-la, e ao mesmo tempo se culpa por se achar uma pessoa má, ou atribui a culpa aos pais por torná-la assim.

Penso na dificuldade que Alice tem em fazer reparação, não suportando a culpa ao ter que olhar para o objeto que lhe causou tanta inveja e tanta dor. A inveja é um sentimento de raiva para o objeto que possui algo desejável. A inveja faz com que o bebê sofra ao ver que outra pessoa possui o que ele quer para si. A voracidade e a inveja perturbam a relação com o objeto. O ódio que sente o conduz à necessidade de triunfar sobre ele, o que o impede de integrar o objeto e então repará-lo. Nada o demove desse intento.

A vingança se tornou o objetivo a ser alcançado, custe o que custar. Impera a lei da selva, “olho por olho, dente por dente”. A culpa de Alice faz com que a tentativa de realizar esse desejo infantil de vingança fracasse. As várias investidas para ser bem-sucedida financeiramente, para mostrar à família que conseguiu superá-los em “poder”, não se concretiza.

É lançada de volta ao medo, à raiva e ao ódio. Fica paralisada e não sabe achar a saída desse “labirinto” que, segundo ela, criou para sua vida. Penso que uma parte dela não quer achar a saída, não quer renunciar à vingança. Sair do labirinto é sair da dependência da mãe/infantil que tem que pagar pelo que não fez e deveria ter feito. Fica à espera do “País das Maravilhas” para seguir sua vida. Precisa parar de sorver o veneno da vingança e assumir as próprias responsabilidades frente ao mundo real. Aceitar ser quem é, pois viver num mundo mágico pode ser encantador, mas ele é amaldiçoado e o preço a ser pago é muito alto.

Quando penso em Alice, me vem a imagem de um naufrago, exímio nadador que, ao avistar o farol, vinda os olhos para não enxergar a brilhante luz. Fica ali no meio do oceano, não se afoga; por vezes se debate na tentativa de afugentar os tubarões que rondam sua vida, por vezes boia sem chegar a lugar algum.

Talvez, o Chapeleiro Maluco devesse dizer a Alice: “A saída, querida Alice, é tirar a venda e seguir a luz, ela é a única a te conduzir a um porto”.

Love, guilt and repetition towards atonement: a case study under Klein's theory

Abstract: this article brings material from a patient, which consists of two sessions and the report of a dream. Based on that, one proposes the hypothetical issues which trigger the hardship which the patient struggles with in her adult life. Such material is approached under Klein's theory concerning the first relations with the object, phantasies, anxieties and defences. Thus, one considers that the difficulties faced by the patient are closely related to the tough object relations of her early life experiences, which are supposed to be harmful to her capacity of atoning primitive sadistic attacks in later stages of life.

Keywords: Atonement. Envy. Melanie Klein. Object relations. Voracity.

Referências

Burton, T. (Produtor), & Bobin, J. (Diretor). (2016). *Alice através do espelho* [Filme]. Burbank: Walt Disney Pictures.

Hinshelwood, R.D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Klein, M. (1975a). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos – 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946)

Klein, M. (1975b). Inveja e gratidão. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos – 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 02/07/2021

Aceito em: 12/07/2021

Maria Christina Kuhn
Rua Professor Juvenal Müller, 115
90420-230 – Porto Alegre - RS – Brasil
Email: m.ch@terra.com.br